

Leandro Gomes de Barros

A IRA E A VIDA .

DE

Antonio Silvino

E

O Boi Misterioso

(2º VOLUME)



A VENDA

RUA DO ALECRIM, N. 38 E

RECIFE



A ira e a vida

DE

Antonio Silvino

A Parahyba do norte
Hoje está em desatino
Queixam-se uns do governo
Outros de Antonio Silvino,
A politica lá parece
Um brinquedo de menino.

A policia e o exercito
Nada lá podem fazer,
A opposição se arma
Grita ao povo vamos ver,
Quem tem roupa na mochilla
E pernas para correr.

O forte bate no fraco
O grande no pequenino,
Um valhe-se do governo
Outro de Antonio Silvino,
O rifle alli não esfria
Sachristão não larga o sino.

Antonio Silvino disse
Eu não aliso a ninguém
Se Rego Barros perder
A cousa aqui não vai bem
Em pilão que eu pisar milho
Pinto não come xerem.

Alguem conversou com elle,
Fallaram nesse sentido,
Antonio Silvino disse
Eu estou muito enfurecido
Por esse chove não molha
Ja houve o que tem havido.

Do Pombal até Campina
Não houve um só eleitor,
Que eu não fosse a casa delle
Pedir-lhe com muito amor
Que votasse em Rego Barros
Para ser governador.

Dispendi muito dinheiro
E cabalei a eleição
Vesti eleitores pobres
Que estavam com precisão,
O governo não deixou
Votar na opposição.

Porque a nossa lei diz:
Vote quem quizer votar

Tendo titulo legalmente
Ninguém o pode empatar,
Vota-se até num ladrão
Se acaso se apresenta.

Mas o governo actual
Julga que a opposição
Não tem direito ao Brazil
Pertence a outra nação
Devido a isso é que o rifle
Está governando o sertão.

Nós temos necessidade
De cada um ser estrompa,
O governo nos aperta
E' preciso que se rompa
O Brazil não é um sitio
Que alguém o tenha por compra

Mas se o governo ganhar
Danna-se até o diabo,
Elle pode perseguir-me
Mas não pode dar-me cabo
Elle vem com a policia
Eu vou com cacête brabo.

Pois disse em Santa Luzia
Se Rego Barros perdesse
O pessoal do governo
Não tinha a onde meter-se

125 Perguntei ao pessoal
O cofre pinga não pinga?
Me festejaram com balla
E quasi que a cousa vinga.

130 Quasi tres horas de fogo
Ouve nesse povoado
Eu sustentei com seis cabras
Um fogo grande cerrado,
Mostrei ao pôvo de lá
Um rifle forte e pesado.

135 Esse eu deixei arrasado
Queimei loja e armazem
Quem tinha muito dinheiro
Hoje não tem um vintem
Deixei no milho torrado
Homens que passavam bem.

140 Das casas que lá haviam
Aque ficou mais inteira
Dessa sómente ficou
A linha da comieira,
O mais ficou como o chão
Onde fez-se uma fogueira.

145 Dahi fui ao Bom Jardim
Ataquei um fazendeiro
Matei um morador delle
Lá perdi um cangaceiro

150 Mais quebrei-lhe a officina
Que elle fazia dinheiro.

155 Elle me esperou a balla
Eu sustentei o rojão
Mas elle viu-se ferido
Disse ahi vote! assim não
Duzentos contos de réis
Perdeu dessa occasião.

160 Pois queimei-lhe dessa vez
Tudo quanto em casa havia
Atirei até em gato
Que amedrontado corria
De trastes ficaram inteiros
Um pote e uma bacia.

165 Agora mandei dizer
Ao governo federal
Que annullasse as eleições
Se não o norte ia mal
A Parahyba ficava
Sem governo estadual.

170 Hoje uma enorme trindade
Invade todo sertão
Eu hoje sou como o papa
Quando havia inquisição
Franklin Dantas é Cesar
Santa Cruz, Napoleão.

175 Se Rego Barros perder
Jesus! que questão medonha
Eu ficarei como a cobra
Quando perdeu a peçonha
180 Digo ao candidato eleito
Já por alli sem vergonha.

Fica o estado deserto
Sem governo estadual
Póde ficar um ou outro
Soldado municipal
185 Quem quizer que faça queixa
Ao governo federal.

O boi Misterioso

2. Volume

Voltou então o vaqueiro
Sem saber o que fizesse
Pensando ao chegar em casa.
Então que historia dissesse
Se pegando com os santos
Que o coronel não soubesse.

Contou a outros vaqueiros
O que se tinha passado
Dizendo que aquelle boi
Só sendo um bicho encantado
Se havia mandiga em boi
Aquelle era baptisado.

6053

**O autor reserva o direito de pro-
priedade**

Typ. do «Jornal do Recife» (12)

166